



Eixo Temático: 7 - Educação digital e tecnologia

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: REFLEXÕES INCIPIENTES DOS PROCESSOS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mariane Denise Martins¹

Introdução

A discussão da educação e o uso das tecnologias tem aumentado no cenário educacional nas últimas décadas. Polêmica, incipiente, ou profunda, a proliferação do debate reflete a realidade e as transformações culturais dos últimos tempos. Com o avanço das tecnologias e as possibilidades da web, uma série de mudanças se colocam como possibilidades em âmbito social, inclusive na educação. Ainda que, bem sabemos, o acesso à tecnologia digital não seja universal, precisamos reconhecer que houve um avanço importante para a democratização de conhecimentos, seja pela ampliação do acesso à educação, seja pela possibilidade de diferentes epistemologias estarem acessíveis a partir da web. Assim, a possibilidade de ferramentas didáticas com uso de tecnologias contemporâneas no processo educativo, e o acesso a uma grande base de informações que podem se tornar elementos de conhecimento, amplia e dinamiza a perspectiva educacional. Em função desta realidade, as discussões em torno de como, quando e em que medida devemos usar as tecnológicas na educação multiplicaram.

No início deste ano ainda não sabíamos que a discussão acirrar-se-ia ainda mais. A pandemia e a impossibilidade de nos encontrarmos presencialmente forçou o aprofundamento desta discussão sobre tecnologia e educação. As polêmicas se multiplicaram, na imprensa, nas escolas, nas universidades. As opiniões se dividiram, professores e alunos se desesperaram, se angustiaram, e muitos se reinventaram. O tempo foi curto para adaptações e reflexões, em muitas instituições de ensino superior foi preciso seguir com o ensino, a partir do uso das tecnologias. Ao ouvir atenta as falas sobre a educação na pandemia, que ecoaram nestes tempos, ouvi não só as palavras, mas as compreensões que as sustentavam.

¹ Mestra em Educação nas Ciências, Bacharel em Administração e Sociologia, e estudante de Psicologia. E-mail: mariane.martins@unijui.edu.br



Nesta escuta, ficou claro uma confusão conceitual entre a Modalidade de Educação a Distância, a Educação *Online*, ou Ensino Remoto Emergencial. As diferentes compreensões vieram não só da comunidade escolar, mas também da imprensa e da comunidade acadêmica. Não foi difícil escutar um jornalista falar em Educação a Distância quando queria se referir ao Ensino *Online*. Estes erros conceituais reafirmaram a dificuldade de compreender o conceito de Educação a Distância, isto me levou a questionar que tipo de análise podemos construir dos processos educacionais do período de pandemia quando não há clareza conceitual.

Assim, neste texto pretendo refletir sobre a educação na pandemia. Minha primeira hipótese é de que as confusões conceituais que afloram, de alguma maneira, refletem antigas discussões, bem como antigas dificuldades, de compreensões conceituais em relação à educação e ao uso de tecnologias para o seu desenvolvimento e, especialmente, em torno do conceito de Educação a Distância.

A ambição neste texto é simples, mas avalio, absolutamente necessária. Pretendo discutir através de uma revisão bibliográfica o conceito de Educação a Distância e Educação *Online* ou Ensino Remoto Emergencial. O meu objetivo revela-se importante diante das dificuldades de compreensão e confusão de conceitos, especialmente de professores. Como tutora desde 2009 de EaD e posteriormente coordenadora e pesquisadora da modalidade, ouvi ao longo deste tempo discussões superficiais chegando muitas vezes ao senso comum, inclusive nos espaços acadêmicos. Desde então, acredito que é fundamental que possamos discutir de forma acadêmica, e, assim, sob bases epistêmicas, refletir com mais coerência, possibilitando resultados, ações e avaliações mais assertivas nos processos educacionais.

A educação e o distanciamento físico: conceitos e esclarecimentos sobre o tema

Minha reflexão parte do conceito da modalidade de Educação a Distância (EaD), e a partir deste a diferenciação do Ensino *Online*. Iniciarei trazendo uma breve contextualização histórica da EaD, pois acredito que há uma dificuldade, que não é recente, em compreender esta modalidade, essa dá origem as dificuldades de diferenciar as formas de educação usadas na pandemia.

Cabe ressaltar que quando se trata da modalidade de Ensino a Distância no Brasil há uma série de entendimentos em relação ao seu significado. As diferentes conceituações para a modalidade podem enfatizar aspectos como o trabalho do professor, à forma de estudo ou a



separação física entre professores e alunos (ALVES, 2011). Da mesma forma, encontro compreensões variadas sobre a modalidade a partir do senso comum. Estas são percebidas em falas recorrentes de alunos, como é o exemplo: “eu achei que eu não precisaria ler e teria só vídeo na EaD”, ou, “eu estou fazendo EaD porque eu não tenho tempo”. Por outro lado, professores se frustram porque acreditam que “não interagem com os alunos”, pois entendem que a interação só acontece na modalidade presencial ou ainda que no EaD os alunos não aprendem.

Essas diferenças podem ser explicadas ao olhar para a história da EaD no Brasil, pois ela não é uniforme. Em 1891, o Jornal do Brasil registrou, na sua primeira edição da seção de classificados, um anúncio sobre profissionalização por correspondência para datilógrafo. Bem mais tarde, em 1967, o Instituto Brasileiro de Administração foi o primeiro órgão na área da educação pública a iniciar suas atividades de EaD, com cursos por correspondência (MAIA; MATTAR, 2007). Desta forma, temos registros de instituições públicas e privadas construindo modelos de EaD a partir de seus contextos. Também o rádio fez parte da história da modalidade no Brasil. Em 1923, Roquette Pinto, médico pesquisador da radioeletricidade para fins fisiológicos, convenceu a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que passou a oferecer cursos de português, francês, literatura francesa, esperanto, radiotelegrafia, telefonia e silvicultura (MAIA; MATTAR, 2007).

No entanto, é só em 1996 com a aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases Nacionais) que a modalidade passa a ser normatizada. Na lei, percebe-se o entendimento de uma “transmissão” com “o uso de canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens” (BRASIL, 1996). Isso é compreensível porque a *internet* ainda estava entrando no Brasil, inclusive é neste mesmo ano que se instala uma estrutura própria para a *internet* brasileira, permitindo sua ampliação.

Em 1998 é normatizado o credenciamento de instituições para oferta de cursos de graduação e educação profissional tecnológica a distância. Isso possibilitou o crescimento da modalidade através dos cursos profissionalizantes que se desenvolveram em diferentes instituições, especialmente privadas. Finalmente, em 2001, o Ministério da Educação publicou uma portaria que regulamentou, no ensino superior, a oferta de disciplinas a distância para atender até 20% da carga horária dos cursos reconhecidos (MAIA; MATTAR, 2007).



A legalização da modalidade no ensino superior coincidiu com o avanço das tecnologias de informação e comunicação. Isso propiciou o crescimento rápido da modalidade especialmente a partir de Instituições de Ensino Superior privadas que viram o déficit educacional brasileiro como uma grande oportunidade de negócio. Este crescimento rápido e com vistas ao lucro² fez com que diferentes formatos de Educação a Distância se espalhassem pelo Brasil.

Esta rápida retomada histórica nos dá pistas em relação aos diferentes entendimentos que existem em relação à EaD. Os formatos construídos, a partir das instituições, permitiram a multiplicidade de compreensões, e, dependendo do contexto institucional, cada professor construiu seu entendimento para a modalidade. Muitas instituições, ao estarem pressionadas pelo avanço dos grandes *plays* de Educação Superior na EaD, acabam oferecendo esta modalidade sem ter claro seus contornos institucionais/conceituais. Além disso, é preciso considerar a resistência de muitos docentes e alunos à modalidade.

Em relação aos conceitos teóricos, é preciso esclarecer que não há uma incoerência entre eles, mas podem haver ênfases diferentes. Para esta reflexão trarei dois conceitos que parecem muito coerentes com o que se construiu nos últimos tempos como prática. O primeiro é dos brasileiros Maia e Mattar (2007) que definem: “A EaD é uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação” (p. 6). Nesta definição, percebemos a ênfase no planejamento pela instituição, este entendimento pode ajudar nos processos onde professores tem dificuldade de compreender a modalidade.

O segundo conceito que trago é o de Dohmem de 1967, apesar de antigo, esse conceito reflete muito o que estamos vendo de educação hoje. Segundo G. Dohmem (1967) *apud* Domingo (2010), a Educação a Distância é uma forma sistematicamente organizada de auto-estudo onde o aluno instrui-se a partir do material de estudo que lhe é apresentado; o acompanhamento e a supervisão do sucesso do estudante são levados a cabo por um grupo de professores.

Com esses dois entendimentos parece ser possível referenciar a reflexão acerca do EAD a partir dos seguintes fundamentos: a) estudantes e professores/as não estão ao mesmo tempo

²<https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2020/09/disputa-por-universidades-pode-gerar- apenas-3-grandes-grupos-educacionais-no-pais.html>.



no mesmo espaço físico; b) o planejamento da modalidade é da instituição; c) a mediação ocorre pelas TICs; d) a instrução do estudante ocorre pelo material; e) os estudantes são acompanhados por professores e tutores.

A partir desses entendimentos podemos compreender as diferenças entre a modalidade EaD, e os processos de ensino e aprendizagem dos últimos meses, que foram construídos em função da pandemia. Neste ano, as instituições de ensino se reorganizaram das mais diferentes formas para dar sequência ao ano letivo. Instituições de ensino superior e de ensino privado com mais estrutura conseguiram organizar o Ensino *Online* ou Ensino Remoto Emergencial. No âmbito do ensino público, uma parte conseguiu se organizar, mas outra parte, pela falta da estrutura, acabou trabalhando com Ensino Orientado, quando possível.

O Ensino *Online* ou Ensino Remoto Emergencial se caracteriza por ser: “Medida extraordinária e temporária; Professores muitas vezes, sem treinamento para o ensino remoto; Virtualização do modelo presencial; Aulas expositivas tradicionais online” (Grupo A, 2020). Esse ensino se efetivou com muita força nas instituições de ensino superior e/ou privadas. Se trata de aulas síncronas dadas através de alguma ferramenta de videoconferência que permite que professor e alunos estejam *online* ao mesmo tempo. Aqui, de forma geral, a metodologia do professor não muda muito do que ele fazia presencialmente. Neste caso, a diferença do ensino presencial é o fato de que o encontro é *online*. Isso significa que todos devem ter uma boa conexão de *internet* e por isso nem todas as instituições puderam usar este formato.

Ainda houve professores ou alunos que não conseguiram acesso à *internet*, neste caso foi feito Ensino Orientado. Para tal, professores organizam um material de leitura e atividades para disponibilizar aos alunos, seja pela rede social ou por meio impresso. Posteriormente ele corrige os trabalhos dos alunos e normalmente devolve apenas as notas. Esse formato se aproxima do que foram as primeiras versões de EaD por correspondência.

Como vimos, há uma diferença entre o que é feito na modalidade EaD e o formato de Educação *Online*, esse o mais adotado na pandemia. Compreender essas diferenças representa planejamentos educacionais mais adequados para atender as demandas no contexto da pandemia, bem como, planejamentos mais assertivos para o processo de ensino e aprendizagem.



Ações educacionais na pandemia: alguns prelúdios

Depois que o país passou a ter distanciamento físico, a partir da segunda quinzena de março de 2020, muitas instituições de ensino pararam. A retomada aconteceu em tempos e de formas diferentes. As instituições de ensino superior privadas, no Rio Grande do Sul, retomaram com o Ensino *Online*, inclusive a partir da preocupação diante do aumento da evasão. Essa retomada foi relativamente rápida e levou à reinvenção de muitos professores, inclusive os contrários ao uso das tecnologias digitais. Parece que a necessidade de retorno rápido das instituições privadas de ensino superior as obrigou a centralizar decisões e estabelecer uma comunicação eficiente com alunos e professores, isso ajudou a definir de forma mais clara como seriam as aulas no novo formato, refletindo em contornos conceituais para o Ensino *Online*.

As instituições públicas demoraram mais para retornar as atividades de ensino³. Havia um grande desafio que era garantir acesso às aulas já que muitos alunos não tinham conexão adequada ou simplesmente não tinham *internet*. Também, havia uma confusão entre a modalidade EaD e o Ensino *Online* por parte destas instituições. Talvez a definição e organização clara entre essas duas modalidades poderia ter ajudado tanto gestores a tomarem uma decisão mais rápida, quanto professores e alunos a se organizarem nos processos educacionais.

Ao mesmo tempo, esta necessidade de interação pela tecnologia, imposta pela realidade pandêmica, fez uma mobilização interessante nas instituições, que talvez levaria muitos anos para acontecer. O celular, por exemplo, era visto por muitos professores como “inimigo” em sala de aula, já que disputava a atenção dos alunos com a interação que esse instrumento permite; hoje, ele se tornou aliado dos professores. As aulas *online* também revelaram a alguns professores que aulas exclusivamente expositivas podem ser motivo da falta de atenção dos alunos na modalidade presencial, visto que os próprios professores afirmam se sentirem cansados de falar por tanto tempo na frente do computador. Alguns alunos também têm estado cansados pelos momentos *online*, outros têm participado mais nas discussões, alegam preferir não sair de casa para ir a aula, uma vez que isso economiza tempo, que pode ser significativo.

³<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/apos-4-meses-sem-aula-universidades-federais-comecam-a-retomar-ou-planejar-retorno-online,56653ad3f0263656823acb47832aaf3dlw3cpy2f.html>.



Assim, é possível que a educação pós pandemia tenha incorporada propostas tecnológicas jamais pensadas, antes de março deste ano.

Considerações finais

É difícil refletir sobre um fenômeno quando ele ainda está acontecendo. Isso porque são poucas as bases neste momento, cabe levantar hipóteses e refletir sobre percepções que estão sendo construídas. A partir da minha experiência da modalidade EaD, compreendo que a confusão teórica entre ensino na EaD e Ensino *Online* dificultou a organização dos gestores educacionais e, por consequência, dos professores no seu trabalho. Ao mesmo tempo, ter clareza entre os diferentes formatos educacionais permitiu, para algumas instituições, uma organização mais rápida e assertiva em relação ao processo e ao planejamento dos professores nestes tempos de pandemia.

Cabe reiterar que a confusão conceitual sobre a modalidade EaD se apresenta novamente no contexto da pandemia, dificultando, mais uma vez, os processos de ensino e aprendizado. Neste sentido, a academia deveria ser um elo fomentador desta discussão, ajudando poder público e instituições educacionais a ter, nestes tempos pandêmicos, possibilidades de avanços nos processos educativos. Isso se faz necessário para pensarmos, inclusive, como será a educação após a pandemia.

Referências

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 10, p. 83-92, 2010.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases (1996), Capítulo VIII – Das Disposições Gerais, Art. 80. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/lei9394.pdf>. Acesso em: 09 de set. 2020.

DOMINGO, Reinaldo Portal (org). Fomento para TICs na Educação. **Revista do NEAD**, Volume 1, p. 13-16. São Luís: 2010.

GRUPO A. **Aprenda a fazer um EaD de Verdade**. Ebook. [s.l.]: [s.n.], 2020. Não paginado.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD: A educação a distância hoje**. São Paulo: Prentice Hall, 2007.



Educação
nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUÍ

25 anos

25 e 26
de novembro
2020

XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Palavras-chave: Conceito. Educação a distância. Educação Online. Pandemia. Tecnologias digitais.